



HERMENÊUTICA DO SI E AÇÃO EM PAUL RICOEUR

Hermeneutics of the self and action in Paul Ricoeur

Cláudio Reichert do Nascimento
UFOB

Resumo: O artigo objetiva expor a relação entre a hermenêutica do si e a ação em Paul Ricoeur. Considero a hipótese de que a hermenêutica do si parte de um nível pragmático da linguagem passando para um nível narrativo que é requerido para que as ações sejam tomadas em conjunto e sujeitas às avaliações éticas e morais. De todo modo, embora seja possível distinguir os modos de ação (falar, agir, narrar, ser imputado), estes estão relacionados a um agir fundamental assentado sob a ontologia do ato, que sustentaria a unidade analógica das ações praticadas. Para isso, exponho três esquemas, a saber, (i) o esquema didático, ligado à triade descrever / narrar / prescrever, (ii) o esquema reflexivo, por meio do qual o próprio autor coloca em discussão a chamada função *meta-*, e (iii) o esquema heurístico, das capacidades ou habilidades práticas, vinculadas à pergunta “Quem?” (Quem pode dizer? Quem age? Quem narra? Quem é o sujeito de imputação moral?).

Palavras-chave: Hermenêutica; Si-mesmo; Ação; Ricoeur.

Abstract: This article aims to present the relationship between the hermeneutics of the self and the action in Paul Ricoeur. I consider the hypothesis that the hermeneutics of the self starts from a pragmatic level of language, moving to a narrative level that is required for actions to be taken together and subject to ethical and moral evaluations. In any case, although distinguishing the modes of action (speaking, acting, narrating, being imputed) is possible, they are related to a fundamental act based on the ontology of the act, which would support the analogical unity of the actions performed. Thus, I present in this study three schemes, namely, (i) the didactic scheme, linked to the describe / narrate / prescribe triad, (ii) the reflexive scheme, through which the author himself or herself discusses the so-called meta-function, and (iii) the heuristic scheme of practical abilities or skills, linked to the question Who? (Who is speaking? Who is acting? Who is telling his or her story? Who is the moral subject of imputation?).

Keywords: Hermeneutics; Self; Action; Ricoeur.

1. Introdução

Os usos dos conceitos de hermenêutica e de ação se estendem pela obra de Ricoeur. Para citar um exemplo, em *Philosophie de la volonté I. Le volontaire et l'involontaire*, Ricoeur diz que “a ação é o próprio acontecimento. Ela inaugura o novo no mundo”¹. Além disso, a ação é colocada no escopo da ação voluntária, que anima a ideia de projeto. Quanto à hermenêutica, o próprio autor reconhece que as aplicações vão entalhando o conceito de hermenêutica ao longo dos problemas abordados, desde a “arte de decifrar os sentidos indiretos, ou ainda, sentidos múltiplos ou expressões de duplo

¹ RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté I. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier Montaigne, 1967, p. 191.

sentido”, “o problema geral da linguagem escrita e dos textos”, até “a hermenêutica como modo de interpretação das capacidades humanas de agir, isto é, hermenêutica do si”².

Neste artigo, o objetivo é expor a relação entre a hermenêutica do si e a ação em Paul Ricoeur. Considero a hipótese de que a hermenêutica do si parte de um nível pragmático da linguagem, passando para um nível narrativo que é requerido para que as ações sejam tomadas em conjunto e sujeitas às avaliações éticas e morais. Para isso, são expostos três esquemas, preconizados por Ricoeur, e que vão na direção da interpretação de Jean Greisch³, no que concerne aos esquemas didático e heurístico, entretanto, proponho uma leitura alternativa com respeito ao esquema reflexivo. Os esquemas são caracterizados do seguinte modo: (i) o esquema didático está ligado (i) à tríade descrever / narrar / prescrever; (ii) o esquema reflexivo, que diz respeito à chamada função meta- e a proposta de uma ontologia do ato, e (iii) o esquema heurístico, das capacidades ou habilidades práticas, vinculadas à pergunta “Quem?” (Quem pode dizer? Quem age? Quem narra? Quem é o sujeito de imputação moral?). Estes três esquemas se entrecruzam a começar pela organização da obra em estudos, o que permite, segundo Ricoeur, ingressar nas discussões em qualquer estágio. Antes de expor os três esquemas, farei uma breve caracterização da hermenêutica do si.

2. A proposta de uma hermenêutica do si

Ricoeur lança a proposta de uma hermenêutica do “eu sou” em *Le conflit des interprétations* (1969), ao falar da necessidade de uma filosofia reflexiva passar pelo crivo da hermenêutica para tratar da questão do “eu sou e a dúvida pungente: quem eu sou?”⁴. Anos mais tarde, em *Soi-même comme un autre*, a hermenêutica do eu sou é delineada como a hermenêutica do si que toma o agir como modo de ser fundamental do sujeito poder agir, expressar-se e compreender-se na ação⁵. Entretanto, essa compreensão é mediada pela interpretação de si-mesmo como o ser humano capaz de agir e sofrer a ação. Outra peculiaridade dessa hermenêutica refere-se ao modo de certeza que Ricoeur apresenta pelo termo atestação (*attestation*), ao qual se atribui a função de sustentação da hermenêutica do si, pois atestação de si é a atestação das capacidades práticas de agir. A atestação (*l’attestation*) exprime o sentido veritativo do si, enquanto um tipo de crença (*créance*), que leva em conta o “eu creio em” e não eu creio que.

Em *Soi-même comme un autre*, a hermenêutica do si põe em jogo a estrutura analítico-reflexiva que procura questionar a imediaticidade do eu sou e sua condição de fundamento último, partindo de uma postura orientada pela filosofia hermenêutica. Essa postura reclama a ideia de que se é possível falar em hermenêutica enxertada na fenomenologia, se deve assumir que a descrição dos vividos intencionais já se trata de uma interpretação. De modo geral, a hermenêutica de Ricoeur guia-se pelo princípio de que o atos da consciência são expressos nas obras da cultura, por meio das quais se deve buscar a interpretação de si. Tal princípio é válido seja para a hermenêutica dos símbolos e do texto, como também para a hermenêutica do si⁶. Entretanto, nesse caso,

² Ver: RICOEUR, Paul. “From existentialism to the philosophy of language”. In: *Philosophy Today*. Charlottesville: v. 17, n. 2, summer, 1973, pp. 88-96. RICOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995. GRONDIN, Jean. *L’herméneutique*. Paris: PUF, 2006, p. 91. REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. *A questão da vida em Paul Ricoeur*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 135.

³ GREISCH, Jean. “Vers une herméneutique du soi. La voie courte et la voie longue”. In: *Langages. Éthique et responsabilité* - Paul Ricoeur. Boudry-Neuchâtel: 1994, pp. 155-173. Ver também: GREISCH, Jean. “Témoignage et attestation”. In: Paul Ricoeur – *L’herméneutique à l’école de la phénoménologie*. Paris: Beauchesne Éditeur, Institut Catholique de Paris, 1995, pp. 305-326.

⁴ RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique*. Paris: Seuil, 1969, p. 262.

⁵ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, pp. 30-31.

⁶ Ver: STEVENS, Bernard. “Le soi agissant et l’être comme acte”. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Louvain-la-Neuve: n. 80, 1990, pp. 581-596.

Ricoeur dirige a sua investigação para as diversas formas pelas quais os modos de agir expressam *Quem (eu sou/tu és/ele é)?* e a resposta *si*.

Como é sabido, Ricoeur se aproxima de Heidegger, ao menos, no modo de colocar a questão “Quem é o si-mesmo?”, no sentido de perguntar pelo o “Quem do *Dasein*”. Todavia, Ricoeur persegue a subjetividade atrelada à ontologia que se afigura como “busca” (via longa)⁷, pois “a descrição direta dos fenômenos é impossível sem interpretação”⁸. Nesse quesito, Ricoeur distancia-se de Heidegger e Gadamer, pois “o que a hermenêutica busca compreender é sempre um sentido que se estabeleceu em uma forma objetiva (um símbolo, um texto, uma narração etc.)”⁹.

O termo “filosofias do cogito” expressa, de modo geral, que este horizonte filosófico – da certeza do cogito, do eu penso kantiano e as suas representações, do caráter indubitável da imanência – consideraria a consciência intuitiva do eu para consigo mesmo. Por sua vez, a hermenêutica aporta aí a ideia de uma “experiência hermenêutica”, para qual o próprio perguntar toma parte daquilo pelo que se pergunta, estabelecendo o solo de uma pertencimento a si mesmo¹⁰. Assim, ao invés de assumir a ideia de um “eu” auto evidente, Ricoeur investiga o problema do si através da mediação pela pergunta *Quem?* e propõe uma outra via ao tratamento da subjetividade, diferente daquilo que ele nomeou como *filosofias do sujeito* ou *filosofias do cogito* (Descartes, Kant, Fichte, Husserl). Atendo-nos, sobretudo, ao que qualificou de *exaltação do cogito*¹¹, Ricoeur crítica a *imediatividade*, ou melhor, o acesso privilegiado ao *cogito* e a noção de quadro, de representação, na filosofia moderna¹².

Ricoeur aborda a subjetividade sob a perspectiva do si-mesmo (*soi-même*), tomando por referência os usos gramaticais das línguas naturais, que permitem opor *soi* (si) à *je* (eu). Assim, ele pretende marcar a posição reflexiva sobre a *imediatividade* do eu, que se exprime em primeira pessoa do singular: eu penso, eu sou (*je pense, je suis*)¹³. De maneira geral, a filosofia reflexiva, na qual Ricoeur se ampara em *Soi-même comme un autre*, se caracteriza pela não apreensão imediata do ser e dos objetos da experiência em ato de pensamento, assim a compreensão da subjetividade e do mundo é feita por meio da interpretação simbólica da ação praticada. Neste caso, a reflexão interpretativa sobre o si-mesmo acontece no nível discursivo da mediação pela narração.

Comentadores de matriz hermenêutica, como Jean Greisch¹⁴, perguntam se a hermenêutica do si, de *Soi-même comme un autre*, faz jus ao título de hermenêutica, haja vista o seu caráter transatlântico de aproximação com a filosofia analítica. Na visão de Greisch, a hermenêutica do si contrai um matrimônio de conveniência com a filosofia analítica para que aquela escape de uma aproximação puramente reflexiva da *ipseidade*, o que é visto no primeiro estudo da obra quando a reflexão passa pelo desvio da análise.

⁷ Em seu artigo “Pode adiar-se a ontologia? Uma homenagem crítica a Paul Ricoeur”, Irene Borges-Duarte critica a tese de Ricoeur de que a ontologia é uma terra prometida. No seu entender, a ontologia não se coloca como questão de fato para Ricoeur e, mais do que negada ou adiada, ela é excluída. Ao final do texto, a autora parece sugerir que a questão ontológica do tempo de ser se faz presente em Heidegger, todavia, não se pode dizer o mesmo em relação a Ricoeur, onde se trataria mais de uma antropologia da subjetividade frágil, que enseja o estágio inicial de uma ética: “nada mais fica que o tempo indefinido do demorar-se em vida, *tempo enquanto narração para si mesmo do que de si mesmo se é capaz de contar*”. Ver: BORGES-DUARTE, Irene. “Pode adiar-se a ontologia? Uma homenagem crítica a Paul Ricoeur”. In: HENRIQUES, Fernanda. A filosofia de Paul Ricoeur. Temas e Percursos. Coimbra: Ariadne Editora, 2006, pp. 121.

⁸ GRONDIN, Jean. *Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. Paris: PUF, 2003, p. 87.

⁹ GRONDIN, Jean. *Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. Paris: PUF, 2003, p. 90.

¹⁰ RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action*. Essais d'herméneutique II. Paris: Seuil, 1986, p. 56.

¹¹ Com respeito a reconstrução do argumento sobre a exaltação e a deposição do *cogito*, ver os seguintes artigos: LAUXEN, Roberto Roque. “O significado da Hermenêutica do si de Ricoeur: entre a polêmica do cogito e a reflexão”. In: *Controvérsia*. São Leopoldo: v. 9, n. 1, 2013, p. 13-22. MEIRELES, Cristina Amaro Viana. “O cogito partido e ferido de Ricoeur: Uma alternativa a Descartes e Nietzsche”. In: *Kínesis*. Marília: v. 8, n. 17, 2016, pp. 18-40.

¹² RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Seuil, 1969, pp. 233-262. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 15.

¹³ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 11.

¹⁴ GREISCH, Jean. “Témoignage et attestation”. In: *Philosophie*. Paul Ricoeur – L'herméneutique à l'école de la phénoménologie. Paris: v. 16, 1995, pp. 305-326.

Greisch afirma que a aproximação de Ricoeur não é com a filosofia analítica da linguagem em sua totalidade, mas com a semântica da ação que serve de introdução ao problema da *ipseidade*.

Por sua vez, Pascal Engel¹⁵ – de tradição analítica – expressa que, em verdade, não houve um diálogo de Ricoeur com a filosofia analítica, na medida em que não acontece a interlocução com autores desta tradição e que ele teria homogeneizado os diversos métodos e programas propostos pelos filósofos analíticos. Engel ressalta que, no mais das vezes, Ricoeur se refere à filosofia analítica como um método ou um *détour* que poderia ser tomado como um ponto de referência para as suas análises acerca do problema do si-mesmo. Todavia, Ricoeur teria assumido uma postura duplamente enganosa porque, desde o começo da chamada “filosofia analítica”, houve diversos tipos de métodos e programas e seria um equívoco procurar isolar o método das filosofias analíticas de suas teses substanciais¹⁶.

A meu ver, a afirmação de Engel comprova-se pela menção que Ricoeur faz à “passagem pela análise, que outros autores chamariam objetivação, em um sentido claramente crítico, que impõe ao processo inteiro um giro *realista*”¹⁷. Esse giro *realista*, que serviria de escape aos limites da reflexão com respeito à atestação, é a adaptação e certa homogeneização da semântica referencial de Strawson, da concepção da ação como acontecimento de Davidson e dos critérios objetivos da identidade pessoal de Parfit, em prol da hermenêutica do si e como forma de contraponto ao idealismo e ao fenomenismo de Descartes e Hume, respectivamente.

Após a caracterização feita acima, apresento os três esquemas que foram anunciados.

3. Descrever/ narrar/ prescrever

Neste tópico, exponho como o esquema descrever / narrar/ prescrever tem uma função didática no sentido de mostrar para o leitor a composição da hermenêutica do si e como a sua efetividade se dará nas capacidades práticas que escandem a unidade analógica da ação.

Considero que o artigo *L'individu et identité personnelle* traz o desenho do esquema descrever / narrar/ prescrever, presente em *Soi-même comme un autre*, pois nele são apresentadas três etapas, quais sejam, *individualização*, *identificação* e *imputação* que esboçam, sobremaneira, as discussões dos estudos da obra de 1990. No artigo não há menção explícita ao termo hermenêutica, entretanto, de saída, Ricoeur diz que a sua exposição tem por horizonte a noção de *ipseidade* ou de si-mesmo, partindo de uma reflexão sobre a definição da noção de indivíduo por Louis Dumond. Na etapa da individualização, a linguagem é tomada como primaz para a análise do indivíduo, pois possibilita, por um lado, distinguir o individual por meio de operadores de individualização em relação a uma coisa qualquer e, por outro, a designação de si como sujeito falante.

No contexto de *Soi-même comme un autre*, a etapa da individualização citada acima concerne a descrever a noção de indivíduo como *alguém* que é dito – ou melhor, é referido, é identificado pelos falantes –, nas situações de enunciação, e pode dizer-se ao passo que profere “eu digo que...”. A semântica da ação evita que a hermenêutica do si confine-se à auto remissão, pois possibilita que a ação seja adscrita (atribuída) ao agente da ação através da reidentificação do si-mesmo como agente. Entretanto, ocorre que o esquema de reidentificação dos particulares básicos (Strawson), assumido por Ricoeur, não toma a reidentificação “*apesar do tempo*” como fundamental. Assim, o si-mesmo, ao qual se adscribe a ação, é reconhecido como o agente que, mesmo com a passagem do

¹⁵ ENGEL, Pascal. “Y a-t-il eu vraiment une rencontre entre Ricoeur et la philosophie analytique?”. In: *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*. Pittsburgh: v. 5, n. 1, 2014, pp. 125-141.

¹⁶ ENGEL, Pascal. “Y a-t-il eu vraiment une rencontre entre Ricoeur et la philosophie analytique?”. In: *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*. Pittsburgh: v. 5, n. 1, 2014, p. 126.

¹⁷ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 348.

tempo, teria a ação atribuída a “ele” como autor da ação. A reidentificação deste si-mesmo por outrem atestar-lhe-ia a ação praticada. Em outros termos, outrem pode atribuir ao si-mesmo a autoria, isto é, colocar sob sua conta. Por sua vez, o si-mesmo poderia, em um nível pragmático da linguagem, atribuir-se a autoria da ação. Desta maneira, encontram-se o aspecto descritivo (primeiro esquema), com as capacidades de ação – ainda não definidas, no sentido, da ação como fazer, falar, narrar ou imputar-se (terceiro esquema) – e o desvio pela análise que aponta para um si-mesmo autor da ação.

No que tange à abordagem semântica da *ipseidade*, Ricoeur infringe a regra gramatical que estabelece o emprego do pronome reflexivo si para a terceira pessoa (*il, elle, eux*). Como alternativa, ele aproxima o *si* do termo *se*, usando-o em conjunto com os verbos nos modos nominais, infinitivo e particípio, amparando-se no argumento conforme o qual os verbos exprimem sua ampla significação no infinitivo (p. ex.: designar-se) e, também, no particípio (p. ex.: designado), antes mesmo de serem conjugados conforme cada pronome pessoal. Daí temos a seguinte junção, exemplificada por: designar-se¹⁸.

O pronome reflexivo *se* nomeia *todos* os pronomes pessoais. Assim, Ricoeur afirma que o reflexivo *si* assume a mesma amplitude onitemporal do *se* quando é conectado ao infinitivo: designar-se a *si*. É esse tipo de recurso proporcionado pela gramática, que fortalece a ideia de si-mesmo referido e autorreferente, na medida em que justifica o desvio da subjetividade por esse caminho assegurado pela linguagem e se correlaciona com os enfoques da hermenêutica do si, conforme o esquema reflexivo, mencionado acima, no qual o si-mesmo será visado pelo recurso a certos temas discutidos nos estudos de *Soi-même comme un autre*: a linguagem, a ação, a narração e a responsabilidade¹⁹.

No artigo supramencionado, Ricoeur afirma que passar da individualização para a identificação envolve deslocar-se do “eu digo que...”, da pragmática da linguagem, para *se dizer o eu* (no sentido de si-mesmo)²⁰ pela narratividade e, por conseguinte, pensar as ações praticadas ao longo da vida com a configuração da história narrativa de uma vida. No sexto estudo de *Soi-même comme un autre*, Ricoeur destaca que a teoria narrativa ocupa uma função de ligação entre a teoria da ação e a teoria ética, pois a narração joga luz sobre a atribuição da ação ao agente e a extensão do campo prático, ao se perguntar se a ação descrita pode ser considerada no mesmo nível da ação narrada. Consideradas em conjunto, as ações praticadas pelo agente estendem o campo prático e abrem espaço para que se discuta as dimensões “éticas e morais de um sujeito a quem ação, boa ou não, feita por dever ou não, pode ser *imputada*”²¹.

Com a teoria narrativa, as ações adscritas ao agente tomam parte de um conjunto de ações narradas, nas quais “o sujeito da ação narrada começará a se igualar ao conceito mais amplo de homem [ser humano] *agente e sofredor*”²².

Como bem pontua De Chalonge:

nessa ‘constituição de si’, Ricoeur coloca mais uma vez a teoria narrativa em seu papel chave de mediação, entre um simples ponto de vista descritivo sobre a ação – aquele em que, pela *adscrição*, a filosofia analítica descreve a atribuição predicativa especificamente *alguém* – e o ponto de vista prescritivo, ao relacionar-se com a ética, já que sustenta que ‘não há narração eticamente neutra’. *Descrição, narração, prescrição* fundam a tríade hermenêutica do si.²³

¹⁸ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 11.

¹⁹ RICOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995, p. 94.

²⁰ RICOEUR, Paul. “Individu et identité personnelle”. In: VEYNE, Paul et al. *Sur l’individu*. Paris: Seuil, 1987, p. 65.

²¹ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 30.

²² RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 29.

²³ DE CHALONGE, Florence. “Le récit à l’épreuve du soi”. In: *Rue Descartes. Revue du Collège International de Philosophie*. L’Homme capable: autour de Paul Ricoeur. Paris: Numéro Hors série, 2006, p. 76.

Em outros termos, a relação entre descrever/ narrar / prescrever vai sendo entretecida pela via (i) da linguagem, em seu aspecto semântico e pragmático, como dito acima, pela via (ii) da filosofia da ação, na medida em que são os enunciados, as proposições, as frases de ação, “os atos de discurso que o agente da ação se designa como aquele que age”²⁴ e pela via (iii) da narração, a partir do emprego feito do conceito de tessitura da intriga enquanto representação das personagens agindo.

Em que pese a afirmação de Ricoeur que a tríade descrever/ narrar / prescrever tenha apenas uma função didática capaz de guiar o leitor na compreensão da polissemia do agir e que pode ser lida na ordem inversa²⁵, considero que a noção de identidade pessoal ou coletiva narrada requer estar sob a orientação de uma perspectiva ética, pois esta é o que garante, o que afiança o tipo de certeza da atestação capaz de justificar o porquê se faz aquilo que fazemos. Em *Temps et récit III*, Ricoeur já sinaliza que a promessa expõe a necessidade de se considerar manter o que foi prometido, no presente, a outrem, mas também sinaliza a necessidade de se considerar a promessa como uma iniciativa de ação, que é capaz de animar um projeto de ação coletiva com sentido, situando “o presente dessa ação, indivisivelmente ética e política, no ponto de articulação do horizonte de espera e do espaço de experiência”, no plano histórico²⁶.

4. O esquema reflexivo

Abordarei o esquema reflexivo primeiro, por entender que ele concentra os problemas filosóficos para os quais o esquema heurístico pretende ser uma resposta. Em uma entrevista a Fabrizio Turolto, publicada em 2000, Ricoeur afirma que o interesse pelo campo prático, pela práxis, o levou do universalismo kantiano à uma ética do viver bem, de corte aristotélico, tendo recebido influência de leituras pós-heideggerianas dos gregos e também da noção de cuidado (*Sorge*) em *Sein und Zeit*. Essas influências viriam a ser ordenadas em *Soi-même comme un autre*, especialmente, no décimo estudo (*Vers quelle ontologie?*), que é o único pontuado com uma interrogação, pois se trata de um estudo exploratório e Ricoeur afirma não estar totalmente à vontade para abordar o problema do homem capaz (ser humano capaz)²⁷ como uma expressão da ontologia do ato e da potência sob o domínio da polissemia do verbo ser²⁸.

Da mesma forma, no artigo *De la métaphysique à la morale*, comemorativo ao centenário da Revue de la Métaphysique à la Morale, publicado em 1993 e republicado em associação com a *Autobiographie Intellectuelle*, em 1995, Ricoeur propõe a função *meta-* como estratégia de pensamento que busca na metafísica um horizonte comum, como se sucede com outras correntes de pensamento. Ricoeur investe na definição da função *meta-* através de duas estratégias – uma de caráter hierárquico e outra de caráter plural sobre a polissemia do ser –, que recuperaram a discussão acerca do ser dos Diálogos platônicos, chamado de *grandes gêneros* (ser - movimento - repouso; polaridade do mesmo e do outro), e de Aristóteles, acerca do *ser em potência* e o *ser em ato*²⁹.

Concernente à proposta de uma hermenêutica do si, Ricoeur considera que o *ser* como *ato* e o *ser* como *potência* pavimenta o caminho para projetar uma ontologia do ato que “teria por correspondente fenomenológico uma certa *analogia* entre as manifestações do agir humano”³⁰, a qual nomeou de *analogia do agir*. A partir da *analogia do agir*, Ricoeur pretende que os quatro subconjuntos (falar, agir, narrar e ser

²⁴ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 29.

²⁵ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 32.

²⁶ RICOEUR, Paul. *Temps et récit. Tome III*. Paris: Seuil, 1985, p. 422.

²⁷ RICOEUR, Paul; TUROLDO, Fabrizio. “A Colloquio con Ricoeur”. In: TUROLDO, Fabrizio. *Verità del metodo. Indagini su Paul Ricoeur*. Padova: Il Poligrafo, 2000, p. 257.

²⁸ RICOEUR, Paul. “Promenade au fil d’un chemin”. In: TUROLDO, Fabrizio. *Verità del metodo. Indagini su Paul Ricoeur*. Padova: Il Poligrafo, 2000, p. 19.

²⁹ Acerca da função *meta-* consultar: LAUXEN, Roberto Roque. “O alcance ontológico da fenomenologia da ação de Paul Ricoeur”. In: *Revista Estudos Filosóficos*. São João del Rey, n. 5, 2010, pp. 43-56.

³⁰ RICOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995, p. 101.

imputado) reúnam-se sob o caráter reflexivo do si, o qual tem como ponto principal o reconhecer-se como responsável pela ação prática. A imputação da responsabilidade não só faz parte dos quatro sub-conjuntos de cada *analogon* das figuras do agir, mas também indica o caminho daquilo que o filósofo chamou de sua *petite éthique*, na qual está inserida a preocupação pela abordagem do si-mesmo enquanto agente e sofredor, mas acima de tudo a relação desse com a *alteridade*, resumida pela frase já conhecida do *viver com e para os outros nas instituições justas (viser à la vraie vie avec et pour l'autre dans des institutions justes)*³¹.

A analogia do agir ricoeuriana embasa-se em passagens da *Metafísica* de Aristóteles. São amplamente conhecidas as acepções do ser propostas pelo estagirita, o ser por acidente, o ser como verdadeiro, e o falso contraposto a esse como não-ser. Há também os tipos de categoria, tais como: substância, qualidade, quantidade, lugar, tempo etc. Afora esses, temos o ser em potência (*dynamis*) e o ser em ato (*energéia*), os quais, conforme Aristóteles, nos são dados pela analogia³². Então, segundo Ricoeur, o análogo que nos é mais acessível é a ação humana, e aí ele encontra o caminho a ser percorrido para tratar o agir humano com vistas à ética. O que corrobora isso são os análogos da ação colocados sob a interrogação *Quem?* Ainda que aparentes, falar, agir, narrar, ser imputado, preservam modos distintos de um agir fundamental que é dado nos atos discursivos, ao tomar alguma iniciativa e intervir praticamente, na tessitura da intriga (ou trama) dos personagens que narram as ações, ou na atitude de imputar a responsabilidade da palavra à alguém, do agir e do narrar³³.

Agora chegamos ao ponto que nos encaminha para o interior das *capacidades*, assinaladas sob a figura do *posso*. A este respeito, Aristóteles é importante em decorrência da *dynamis* enquanto capacidade de... Novamente, a *Metafísica* é fonte importante para Ricoeur, mas, é em certa medida uma recepção problemática, uma vez que *dynamis* é exposta como o princípio do movimento, que é físico. A *Dynamis* é nomeada, por Aristóteles, no livro Δ 12 como movimento e apenas no livro Θ 1-10 está a distinção entre *energéia* e *dynamis*.

A dificuldade da recepção do par *dynamis-energéia*³⁴ para se pensar uma ontologia da ação é problemática pelo seguinte: Primeiramente, a *dynamis* é o que se destina à realização (à *l'accomplissement*), já *energéia* é o cumprimento (*accompli*) daquela, como ocorre no livro Θ 10, que inicia pela *dynamis* e chega à definição de *energéia*, entretanto sem podermos reter o sentido de um sem o do outro. Em segundo lugar, a *dynamis* explicita-se como movimento, porém se desejamos saber que espécie de ser é o do movimento, este resulta em ato puro, “a entelêquia do que está em potência como tal”³⁵. Ademais, a *dynamis* resultante dessa acepção da *Física* somente pode ser vista partindo da *energéia*, ou melhor, esta é anterior à *dynamis* até em relação com a *ousia*³⁶. Considerando tais dificuldades colocadas, de que modo o par *dynamis – energia* contribui para a ontologia da *ipseidade*?

Ricoeur serve-se da interpretação de Rémi Brague de um fragmento do livro Θ 6 (1048b 18-35), no qual, de acordo com a gramática dos tempos verbais, seria possível

³¹ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 221.

³² ARISTÓTELES. *La métaphysique*. Tome II. Tradução Jean Tricot. Paris: Vrin, 1970. Θ 6, 1048a 35-1048b 5. Tradução nossa: “A noção de ato que nos propomos pode ser elucidada por indução, com o auxílio de exemplos particulares, sem que se deva procurar definir tudo, mas se contentando em perceber a analogia: o ato será, então, como o ser que constrói para o ser que tem a faculdade de construir (...). Damos o nome de ato ao primeiro membro dessas diversas relações, o outro membro é a potência. Mas todas as coisas não são ditas em ato da mesma maneira, mas apenas por analogia, como quando nós dizemos: assim como tal coisa está em tal coisa, ou relativamente a esta coisa, tal outra coisa está em tal outra coisa, ou relativamente a esta outra coisa”.

³³ RICOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995, p. 95.

³⁴ Ver RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 351-357, e o artigo de MARTY, François. “L’unité analogique de l’agir. Paul Ricoeur et la tradition de l’analogie”. In: Paul Ricoeur – L’herméneutique à l’école de la phénoménologie. Paris: Beauchesne Éditeur, Institut Catholique de Paris, 1995, pp. 85-101.

³⁵ ARISTÓTELES. *La physique*. Introdução de Lambros Couloubaritsis e tradução de Annick Stevens. Paris: Vrin, 2008. III, 1, 201a 10-11. Ver: RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 356.

³⁶ ARISTÓTELES. *La métaphysique*. Tome II. Tradução Jean Tricot. Paris: Vrin, 1970. Θ 8, 1950a 9, 15-16.

dissociar a noção de *energéia* da *dynamis*, combinada à noção de ação no sentido de práxis. Esse critério interno à língua grega possibilitaria dizer, ao mesmo tempo, o seguinte: ele viu e ele vê, ele viveu bem e ele vive bem, ele foi feliz e ainda o é³⁷. Aristóteles diz: “vê e viu, concebe e concebeu, pensa e pensou, ao passo que não posso aprender e haver aprendido, nem curar e ter sido curado. Mas posso, ao mesmo tempo, viver bem e ter vivido bem”³⁸. Em outras palavras, o termo *hama*, que indica, em grego, “simultaneidade”, designa a junção dos tempos verbais pretérito e presente, e o que foi aprendido do passado pelo pretérito, no que tange a acontecimentos, é conservado no presente.

Ricoeur procura justificar a vinculação do ato, enquanto *energéia*, com o emprego dos termos *agir* e *ação* como seu sinônimo. Exemplo disso é o próprio uso da expressão *ato de discurso*, no caso do *poder dizer*, ou do *poder agir* atribuído ao agente, tal como ocorre na *analogia do agir*. Contudo, a apropriação do ato e da *potência* aristotélica demanda a mediação do *conatus* de Spinoza para que a ideia de ato seja tomada como praxis humana, para além do caráter físico, que se encontra na origem. Na esteira de Sylvain Zac, Ricoeur assumiria, a interpretação do *conatus* de Spinoza como potência de existir, assim, o primado da *energéia* sobre a *dynamis* poderia ser lido como produtividade, sem oposição ao ato³⁹.

Com respeito à estratégia de caráter hierárquico, Ricoeur recupera a ideia de grandes gêneros da filosofia platônica. A relação do si com seu diverso é justificada pela fala do Estrangeiro que dialoga com Teeteto, no *Sofista* (255e⁴⁰), de Platão, quando aquele indica que o ser é definido relativamente a si e relativamente a outra coisa. Então, como coloca Ricoeur: “O ser é o *terceiro* porque existe um *quinto*”⁴¹. Dessa maneira, o *outro* se insere na noção de *mesmo*. Todavia, é preciso não confundir o uso que Ricoeur faz dos conceitos da tradição platônica e o sentido que ele dará a termos homônimos no interior de seu trabalho.

O emprego da polaridade do Mesmo e do Outro de Platão, no empreendimento de Ricoeur, refere-se à relação da *ipseidade* com a *alteridade*. Nesse ponto, nos localizamos na discussão da “determinação da *ipseidade* pela via de sua dialética com a *alteridade*”⁴², que está tanto no prefácio como no décimo estudo, constituindo um dos objetivos de *Soi-même comme un autre*, ou melhor, expor a vinculação do si com a alteridade, com o diverso de si. A alteridade é fundamental para Ricoeur, pois a ipseidade entretece com ela uma série de relações sob forma de experiências da passividade, tais como, o corpo próprio, a alteridade do outro e a consciência moral⁴³.

5. O esquema heurístico: as capacidades práticas

O esquema didático de descrever / narrar/ prescrever é intrinsecamente vinculado ao esquema reflexivo, pois este fundamenta a estratégia de uma ontologia do ato que encontra sua efetividade nas capacidades práticas que escandem a unidade analógica da ação. Por sua vez, o esquema heurístico reúne um conjunto de possibilidades de ação do si-mesmo, exprimindo “uma antropologia filosófica centrada

³⁷ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 356, nota 2.

³⁸ ARISTÓTELES. *La métaphysique*. Tome II. Tradução Jean Tricot. Paris: Vrin, 1970. ⊕ 6, 1048b, 20-30, tradução nossa. “on voit et on a vu, on conçoit et on a conçu, on pense et on a pensé, alors qu’on ne peut pas apprendre et avoir appris, ni guérir et avoir été guéri. Mais on peut à la fois bien vivre et avoir bien vécu”.

³⁹ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 365.

⁴⁰ Vejamos o que diz o Estrangeiro (255e): “- Isso não se daria se o ser e o “outro” não fossem diferentes. Supondo-se que o “outro” participasse das duas formas, como acontece com o ser, poderia acontecer que, a um dado momento, houvesse outro que não fosse relativo a outra coisa. Ora, já vimos perfeitamente que tudo o que é outro só o é por causa da sua relação necessária a outra coisa.” PLATÃO. *O Banquete. Fédon. Sofista. Político*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikait e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 179.

⁴¹ RICOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995, p. 91.

⁴² RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 345.

⁴³ PEREIRA, Miguel Batista. “Narração e Transcendência”. In: *Humanitas*. Coimbra: v. XLV, 1993, p. 466-468.

sobre o tema do homem agente e sofredor, – enfim uma fenomenologia hermenêutica, dispersada nos múltiplos registros da atividade cognitiva, prática e afetiva”⁴⁴.

No prefácio de *Soi-même comme un autre*, Ricoeur atribui um caráter interrogativo às “asserções relativas à problemática do si”⁴⁵, por meio da pergunta Quem?, que expressam as acepções do verbo agir. A interrogação pela pergunta Quem? se dá por intermédio de quatro subconjuntos, a saber, Quem fala? Quem age? Quem narra? Quem é o sujeito moral de imputação?, que abordam as categorias da enunciação e do locutor, do poder de agir e do seu agente, da narração e do narrador, e, por fim, a imputação dos atos e o sujeito que se reconhece como responsável por tê-los praticado⁴⁶.

A seguir apresento brevemente as capacidades práticas, quais seja, poder dizer, poder fazer, fazer narrar e ser narrado e poder ser imputado.

O *analogon poder dizer, poder falar*, toma por base a *capacidade do posso falar*. O *poder dizer* é fortalecido pela pragmática de Austin e o instigante título de seu livro, *Como fazer coisas com palavras*, o qual institui que certos enunciados além de descrever abrem espaço para a referência ao outro, pois o *ato de discurso* está no campo de um locutor que refere a um interlocutor (*eu-tu*). Isso se mostra de grande valia para Ricoeur, visto que ele defende que a alteridade constitui o si-mesmo e os atos ilocutórios dão força à instituição da linguagem. Por exemplo, quando um juiz profere a sentença de julgamento ao réu – *eu te condeno a x anos de reclusão por tal e tal delito* –, ele age com a capacidade do *poder dizer* em estabelecer tal pena como modo do agente reparar o seu delito. Além disso, quando o enunciador profere uma sentença também está em questão a manutenção de sua palavra. Aqui vemos surgir a promessa como manutenção de si, que atesta a ipseidade em relação à alteridade. Ao dizer “*eu afirmo que estarei aqui às 16 horas*”, o interlocutor é levado a considerar que de fato quem profere estará na hora e local combinado. Esse exemplo, aparentemente simples nos revela algo a mais. O pronome pessoal *eu* é uma expressão autorreferencial e que exige operadores de individualização (dêiticos, descrições definidas, nomes próprios), cujo *sujeito falante pode dizer: eu, fulano, me chamo...*

Os atos ilocutórios contribuem, novamente, com a possibilidade de explorar a relação do si e o diverso do si pela via da enunciação, ao vincular o si à alteridade por intermédio da manutenção de si na promessa. Ao proferir *eu afirmo que estarei aqui às 16 horas*, ou *estarei aqui às 16 horas*, temos a expressão do *eu* que aponta a autodesignação pelo ato locutório (é um *eu* particular que profere uma sentença ao seu interlocutor), conseqüentemente, esse *eu* quer expressar algo pelo ato ilocutório *eu afirmo que estarei aqui às...*, e que pode ter o sentido de uma *promessa* e, por fim, a perlocução que é a força sobre o interlocutor do que foi proferido. O exemplo mostra o que costumemente fazemos na linguagem ordinária, isto é, o recurso à dêiticos (*hic et nunc*) para marcar locais específicos (*estarei aqui*, em frente à biblioteca da universidade) e em um horário específico de acordo com nossa maneira de mensurar o tempo, o tempo do calendário e a sua medida fragmentada em dias, horas, minutos, segundos e milésimos⁴⁷.

O *analogon posso fazer* se refere à ação de acordo com o sentido estrito do termo, isto é, “a capacidade de fazer que ocorram acontecimentos no entorno físico e social do sujeito atuante”⁴⁸, a ponto de reconhecer-se como a “causa” ao declarar *fui eu quem o fez*. Entretanto, na modernidade estabelece-se, por meio de operações de

⁴⁴ RICOEUR, Paul. “Promenade au fil d’un chemin”. In: TUROLDO, Fabrizio. *Verità del metodo. Indagini su Paul Ricoeur*. Padova: Il Poligrafo, 2000a, p. 19.

⁴⁵ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 28.

⁴⁶ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 28.

⁴⁷ O modo pelo qual lidamos com o tempo do calendário e o emprego de dêiticos para localizar contextos permite pensar a questão do tempo cosmológico e do tempo vivido discutido por Ricoeur em *Temps et récit III*. Então, a questão do poder falar no escopo da hermenêutica do si ao invés de propor uma redução a certas bases conceituais evidencia a proficuidade do pensamento de Ricoeur em se expandir para o campo da temporalidade, da ficção como uma experiência diversificado do tempo.

⁴⁸ RICOEUR, Paul. *Caminos del reconocimiento*. Tradução de Agustín Neira. Madrid: Editorial Trotta, 2005, p. 107.

objetivação, o ajuste entre os acontecimentos que se sucedem a partir da intencionalidade (*faire arriver*) e os que simplesmente ocorrem (*arriver*).

É Kant, segundo Ricoeur, que na segunda analogia da experiência (Analítica do Juízo) expressará que não há diferença objetiva entre *fazer que ocorre* e *ocorrer*, isso decorre de que: “Todos os acontecimentos sucedem segundo a lei de união da causa e do efeito”. Porém Ricoeur atenta para a distinção entre a incorporação do *fazer que ocorra* em acontecimentos que simplesmente se sucedem⁴⁹.

Conforme Ricoeur, a distinção entre *motivo* e *causa* é proporcionada pela análise das frases de ação que atribui conhecimento prático àquele que atua, assim, *motivo* é motivo de atuar, ao qual possibilita que frases de ação não se reduzam à causa conforme sucessão regulada⁵⁰. Desse modo, *motivo* liga-se ao sentido de ação e opõe-se a *acontecimento*.

O vínculo entre ação e o agente é tomado sob o termo *adscrição*, atribuição a uma pessoa, e toma parte do sentido de *fazer que suceda intencionalmente*. Além disso, a *adscrição* insere-se na mesma terminologia da pragmática do discurso, no que tange a capacidade do agente em designar-se como quem faz ou fez. Em virtude disso, o *poder fazer* guarda uma certa debilidade, pois ele é o poder começar a agir que agrega uma série de ações fragmentárias que serão posteriormente configuradas pela narração.

O analogon *poder narrar e ser narrado* tem por base a noção de tessitura da intriga (*mise en intrigue*), a qual é transposta do plano da ação para os personagens da narração. Desta maneira, origina-se a dialética do personagem que é uma dialética entre a mesmidade e a ipseidade. Segundo Ricoeur, a identidade do personagem é uma identidade compreendida por meio da narração e se constrói em relação com a identidade no plano da tessitura da intriga, cuja identidade é caracterizada pela concordância (agenciamento dos fatos) e discordância (acontecimentos ocasionais, acidentes). O modelo narrativo possui a peculiaridade de ser um modelo calcado no acontecimento. Por sua vez, o acontecimento narrativo define-se enquanto membro da operação de configuração, sendo princípio de discordância quando surge, mas em contrapartida como fonte de concordância que faz avançar a história⁵¹.

Ricoeur entende que a concepção narrativa da identidade pessoal se dá por meio do personagem, o qual é uma categoria narrativa, além de ser “*aquele que faz a ação na narrativa*”⁵². O contributo da categoria narrativa do personagem para a identidade pessoal é dado pela compreensão da identidade do personagem de acordo com a própria operação de tessitura da intriga, o que a torna a própria intriga. Destaca-se com isso que o personagem será o responsável pela configuração da narração seguindo a via do acontecimento narrativo.

A correlação do personagem da narração e da ação gera uma dialética interna a este personagem, que é fruto da dialética desenvolvida pela tessitura da intriga da ação entre a concordância e a discordância. A dialética interna ao personagem retira da concordância o aspecto singular da unidade da vida do personagem, compreendida como totalidade temporal singular, que o distingue dos outros. Mas a discordância tende a colocar em risco essa totalidade temporal singular em decorrência da ruptura dos acontecimentos imprevistos, tais como, encontros, acidentes etc.⁵³

Assim, a narração constrói a identidade do personagem, a qual é chamada identidade narrativa, que, por sua vez, constrói a identidade da história narrada. “É a identidade da história que faz a identidade do personagem”⁵⁴. Desse modo a narração edifica a identidade do personagem, constrói também a identidade da história a ponto de não poder se separar a identidade da pessoa de um emaranhado de histórias narradas⁵⁵.

⁴⁹ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 170

⁵⁰ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 81.

⁵¹ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 170.

⁵² RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 170.

⁵³ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 175.

⁵⁴ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 175.

⁵⁵ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 190.

A função de mediação que a identidade narrativa realiza entre *idem* e *ipse* é operada pela noção de *variações imaginativas*, desenvolvida em *Temps et récit* e nomeada em *Soi-même comme un autre*⁵⁶. As variações imaginativas são produto do exercício da reflexão que por meio de sínteses “estabelecem conexões entre a multiplicidade do conteúdo em experiências vitais (...), mediante a criação de esquemas que se objetivam na cultura”⁵⁷. As variações imaginativas são descritas, primeiramente, como o produto limitado de uma síntese, da qual resulta dizer que se trata de um misto entre dois tipos distintos de atividade. Elas fornecem as representações dos atos que abarcam a multiplicidade dos acontecimentos empíricos e a estes concedem a unidade que, por sua vez, tem como resultado serem inteligíveis.

Ainda que se deseje uma configuração normativa que dê conta da experiência, essa se mostra irreduzível e incomensurável, mesmo assim a busca da unidade, a procura pelo sentido a partir do ordenamento do “material” da experiência é necessária, embora não se tenha certeza de, ao final, chegar a isto. Nesse sentido, Ricoeur interpreta os acontecimentos empíricos como excedente de sentido frente à regra pretendida para compreendê-los, entendido sob o conceito de inovação semântica.

Na introdução de *Temps et récit I*, Ricoeur refere-se à inovação semântica, no que diz respeito à narrativa, como aquilo que consiste na invenção de uma trama, que é por sua vez uma obra de síntese. É na invenção da trama que objetivos, acidentes, causas, são reunidos numa unidade temporal de uma ação total e completa⁵⁸. É no sentido de uma síntese do heterogêneo que a identidade narrativa, posta como uma dialética interna ao personagem, constrói a identidade do personagem em termos de uma história relatada, que requer um preenchimento, um acabamento; integrando numa história os acontecimentos diversos e dispersos, e deste modo, tomada em conjunto, esquematiza a significação inteligível que se liga à narração vista como um todo.

Os esquemas narrativos exercem a função de mediação e síntese dos acontecimentos heterogêneos, em outras palavras, a multiplicidade dos acontecimentos é reunida e tornada inteligível por meio do relato. Os acontecimentos que constituem as histórias são aqueles advindos das ações humanas. Estas são o material a ser sintetizado pelos esquemas narrativos – tramas – que agregam uma diversidade de acidentes numa história. O material que é sintetizado, pela atividade de síntese atribuída aos esquemas narrativos, são as ações humanas. Portanto, as tramas reúnem em uma história os acontecimentos, os acidentes, os quais podem não estar relacionados um ao outro. Ainda que possam ser heterogêneos, os acontecimentos são unificados numa história que lhes confere sentido.

O analogon *ser imputado* corresponde a atribuir a alguém a responsabilidade pelos atos praticados. Segundo Ricoeur, o conceito de imputação apenas poderia emergir numa cultura que elevou o reconhecer-se responsável para dentro de uma doutrina moral e jurídica, na qual a responsabilidade aparece marcada por códigos elaborados, aos quais bem se aplica a metáfora da balança da justiça, na qual são medidos os delitos e penas, numa espécie de conta (dívida) da qual o responsável pela ação deve ser imputado. A essa ideia de atribuição de um tipo especial de ação adere-se o poder imputar o agente pela sua ação, sobretudo quando está refere-se ao dolo, cuja vítima é o outro⁵⁹.

É essa categoria, reconhecer-se como responsável, que será imprescindível para a imputabilidade do si que pode falar, agir e narrar. Facilmente podemos notar que a imputabilidade está muito mais sob o domínio da lei, da norma. Então, reconhecer-se

⁵⁶ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 176.

⁵⁷ MORA, Juan Ernesto. “Variaciones imaginativas: tiempo, identidad e interacción”. In: *Acta fenomenológica latinoamericana. Volumen III (Actas del IV Coloquio Latinoamericano de Fenomenología)*. Lima: Círculo Latinoamericano de Fenomenología Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú; Morelia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2009, p. 709.

⁵⁸ RICOEUR, Paul. *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983, p. 9-10.

⁵⁹ RICOEUR, Paul. *Caminos del reconocimiento*. Tradução de Agustín Neira. Madrid: Editorial Trotta, 2005, p. 115.

como responsável aproxima-se do sujeito agente e afasta-se da norma, embora nossas ações, quando dolosas ao outro, são classificadas dentro das leis especificadas. No entanto, o que Ricoeur quer destacar é a posição do sujeito que se reconhece como capaz de agir e é responsável pela ação.

6. Considerações finais

Neste artigo, expus como a hermenêutica do si está relacionada com a ideia de que o si-mesmo tem na ação um modo de ser fundamental, que se expressa pelos atos discursivos, pelas ações motivadas, pelo ato de narrar e ser narrado e pela imputação de responsabilidade. Procurei indicar que, na esteira do desenvolvimento dos conceitos de hermenêutica em Ricoeur, a hermenêutica do si reclama o pressuposto de que os fenômenos não se dão de modo indireto, isto é, requerem uma interpretação e buscam certa objetividade no modo como ocorre esta mediação. Do ponto de vista metodológico, explorei três esquemas que indicam a estruturação da hermenêutica do si pela tríade descrever/ narrar /prescrever/, que estão, no fundo, alicerçadas na ontologia do ato como possibilidade de agir.

Essa preocupação ontológica atribui uma unidade analógica para caracterizar de modo geral o fundamento do agir. Na esteira desta unidade, apresentei, por fim, como falar, agir, narrar e ser imputado são *analogons* de um modo de ser comum. Neste sentido, a passagem pela teoria da ação, pela teoria narrativa e pela teoria ética fornecem os elementos para uma abordagem objetiva sobre os modos de ação aglutinados na analogia da ação. Desta forma, a força do esquema heurístico está em revelar como as capacidades práticas respondem distintivamente à pergunta *Quem age?* por meio da ação enquanto modo de ser fundamental. Esses modos de apresentação do si-mesmo é que são objetivamente buscados em seu agir, fazer, narrar e ser imputado, os quais seriam, então, tomados em conjunto na história narrada de uma vida.

Referências

- ARISTÓTELES. *La physique*. Introdução de Lambros Coulobaritsis e tradução de Annick Stevens. Paris: Vrin, 2008.
- ARISTÓTELES. *La métaphysique*. Tome II. Tradução Jean Tricot. Paris: Vrin, 1970.
- BORGES-DUARTE, Irene. “Pode adiar-se a ontologia? Uma homenagem crítica a Paul Ricoeur”. In: HENRIQUES, Fernanda. *A filosofia de Paul Ricoeur. Temas e Percursos*. Coimbra: Ariadne Editora, 2006, pp. 115-121.
- DE CHALONGE, Florence. “Le récit à l’épreuve du soi”. In: *Rue Descartes. Revue du Collège International de Philosophie*. L’Homme capable: autour de Paul Ricoeur. Paris: Numéro Hors série, 2006, pp. 73-85.
- ENGEL, Pascal. “Y a-t-il eu vraiment une rencontre entre Ricoeur et la philosophie analytique?”. In: *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*. Pittsburgh: v. 5, n. 1, 2014, pp. 125-141.
- GREISCH, Jean. “Vers une herméneutique du soi. La voie courte et la voie longue”. In: *Langages. Éthique et responsabilité - Paul Ricoeur*. Boudry-Neuchâtel: 1994, pp. 155-173.
- GREISCH, Jean. “Témoignage et attestation”. In: *Philosophie*. Paul Ricoeur – L’herméneutique à l’école de la phénoménologie. Paris: v. 16, 1995, pp. 305-326.
- GRONDIN, Jean. *Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. Paris: PUF, 2003.
- GRONDIN, Jean. *L’herméneutique*. Paris: PUF, 2006.

LAUXEN, Roberto Roque. “O alcance ontológico da fenomenologia da ação de Paul Ricoeur”. In: *Revista Estudos Filosóficos*. São João del Rey: n. 5, 2010, pp. 43-56.

LAUXEN, Roberto Roque. “O significado da Hermenêutica do si de Ricoeur: entre a polêmica do cogito e a reflexão”. In: *Controvérsia*. São Leopoldo: v. 9, n. 1, 2013, p. 13-22.

MARTY, François. “L’unité analogique de l’agir. Paul Ricoeur et la tradition de l’analogie”. In: Paul Ricoeur – L’herméneutique à l’école de la phénoménologie. Paris: Beauchesne Éditeur, Institut Catholique de Paris, 1995, pp. 85-101.

MEIRELES, Cristina Amaro Viana. “O cogito partido e ferido de Ricoeur: Uma alternativa a Descartes e Nietzsche”. In: *Kínesis*. Marília: v. 8, n. 17, 2016, pp. 18-40.

MORA, Juan Ernesto. “Variaciones imaginativas: tiempo, identidad e interacción”. In: Acta fenomenológica latinoamericana. Volumen III (Actas del IV Coloquio Latinoamericano de Fenomenología). Lima: Círculo Latinoamericano de Fenomenología Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú; Morelia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2009, pp. 705-722.

PEREIRA, Miguel Batista. “Narração e Transcendência”. In: *Humanitas*. Coimbra: v. XLV, 1993, pp. 393-476.

PLATÃO. *O Banquete. Fédon. Sofista. Político*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikait e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção Os pensadores.

REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. *A questão da vida em Paul Ricoeur*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RIKOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté I. Le volontaire et l’involontaire*. Paris: Aubier Montaigne, 1967.

RIKOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique*. Paris: Seuil, 1969.

RIKOEUR, Paul. “From existentialism to the philosophy of language”. In: *Philosophy Today*. Charlottesville: v. 17, n. 2, summer, 1973, pp. 88-96.

RIKOEUR, Paul. *Temps et récit. Tome I*. Paris: Seuil, 1983.

RIKOEUR, Paul. *Temps et récit. Tome III*. Paris: Seuil, 1985.

RIKOEUR, Paul. *Du texte à l’action. Essais d’herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.

RIKOEUR, Paul. “Individu et identité personnelle”. In: VEYNE, Paul et al. *Sur l’individu*. Paris: Seuil, 1987, pp. 54-72.

RIKOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

RIKOEUR, Paul. *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995.

RIKOEUR, Paul. “Promenade au fil d’un chemin”. In: TUROLDO, Fabrizio. *Verità del metodo. Indagini su Paul Ricoeur*. Padova: Il Poligrafo, 2000a, p. 15-20.

RIKOEUR, Paul; TUROLDO, Fabrizio. “Appendice. A Colloquio con Ricoeur”. In: TUROLDO, Fabrizio. *Verità del metodo. Indagini su Paul Ricoeur*. Padova: Il Poligrafo, 2000b, p. 241-289.

RIKOEUR, Paul. *Caminos del reconocimiento*. Tradução de Agustín Neira. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

STEVENS, Bernard. “Le soi agissant et l’être comme acte”. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Louvain-la-Neuve: n. 80, 1990, pp. 581-596.

Doutorado em Filosofia (UFSC)
Professor Adjunto C II, PPG em Ensino (UFOB)
Professor do PROF-FILO/ Núcleo UFT

E-mail: claudioreicher83@gmail.com